



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

O POSTE: PROCESSO DE REALIZAÇÃO DE UM CURTA DE FICÇÃO

Lucas Barreto Vinhas Abreu

Rio de Janeiro/RJ
2016

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

O POSTE: PROCESSO DE REALIZAÇÃO DE UM CURTA DE FICÇÃO

Lucas Barreto Vinhas Abreu

Relatório Técnico apresentada à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Radialismo.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Alvares Salis

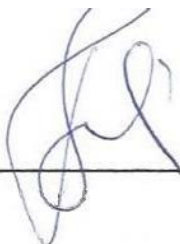
Rio de Janeiro/RJ
2016

O POSTE: PROCESSO DE REALIZAÇÃO DE UM CURTA DE FICÇÃO

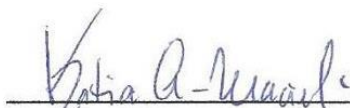
Lucas Barreto Vinhas Abreu

Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Radialismo.

Aprovado por



Prof. Dr. Fernando Alvares Salis – orientador



Prof. Drª Kátia Augusta Maciel



Prof. Dr. Ivan Capeller

Aprovada em: 27/07/2016

Grau: 10,0

Rio de Janeiro/RJ
2016

ABREU, Lucas B.V.

O Poste (curta-metra ficcional)/ Lucas Barreto Vinhas Abreu – Rio de Janeiro; UFRJ/ECO, 2016.

55f.

Monografia (graduação em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2016.

Orientação: Fernando Alvares Salis

1. Poste 2. Ficção. 3. Audiovisual. I. SALIS, F.A. (orientador) II. ECO/UFRJ III. Radialismo IV. O Poste

DEDICATÓRIA

A todos que já passaram pela solidão;
Aos meus amigos e amores,
que jamais me deixaram

AGRADECIMENTO

Seria muita presunção imaginar que eu conseguiria agradecer a todos que, nesses quase 25 anos, me possibilitaram chegar até aqui. Preferi elaborar muito e simplesmente lembrar o máximo possível delas e deles.

Meus pais, claro. Desde as primeiras lembranças, na varanda do 101 na rua Potengi até hoje, não há uma conquista que eu não eu não agradeça a eles, e será assim por toda minha vida até voltar a ser apenas poeira das estrelas. Só eles sabem o que sacrificaram por mim e meus irmãos, e o faziam parecendo ser fácil. O estímulo, o respeito, o abrigo, o carinho, a atenção, o alimento, o apoio, o espaço. Chamar tanto de uma única palavra, mesmo ela sendo “amor”, me parece pouco.

Ao meu irmão Pedro, desde sempre amigo e cúmplice. Uma relação tão forte que chegamos a desenvolver dialeto próprio. Alguém que me lembra todo dia do que eu sou capaz através das façanhas dele, mesmo sendo tão diferente, mas também tão parecido, me lembrando também que na vida tudo é antítese: a beleza está no contraditório.

Ao meu irmão Gabriel, que veio depois mas sentou na janela. Esse é outro estímulo diário, com o frescor das novidades e a empolgação da juventude, que a gente insiste em esquecer, mas não deveria.

Minha segunda mãe, tia Marta, que sempre foi mais irmã que tia, aquela irmã mais velha que te leva no show que você não podia entrar sozinho. Obrigado por todos os almoços no centro, esses nunca sairão da memória.

À vó Lília, que acha que eu não sei, mas está mais preocupada com meu diploma do que eu. Que não sabe, mas eu admiro muito pela fibra que teve a vida toda para criar minha mãe, minhas tias e meu tio. E parece que ainda faz força para continuar criando, mesmo com todos criados. Que mudou a receita secular só para o neto poder comer também.

À vó Laura, outro exemplo de resiliência absurda. Apesar de tudo, sempre carinhosa com os netos.

À Bruna, minha companheira, pelo carinho, apoio, compreensão. Por ouvir mais não do que sim nos fins-de-semana de filmagem, pelas pizzas amanhecidas. Pelo amor. Obrigado.

Aos meus amigos, que são muitos e estão espalhados por aí. O Matheus, o companheiro dessa jornada desde o princípio, irmão para toda a vida. A Luiza, uma parceria improvável, relação ainda coroada com a Lavoura da amizade, com quem dividi os meus melhores momentos e ainda divido a vontade de criar mais memórias incríveis. O Quindim e nossa arte de subverter tudo em riso e carnaval, seja na Tijuca ou Paquetá. A Deborah, Thiago e Trinda, obrigado pelos conselhos, pelas piadas, pelas futuras idas a Pavelka. Ao Raphael, Tiago e Casu, tamanha lealdade e confiança que nem sei mais o que dizer.

Aos amigos que fiz no mundo do musical, pelo exemplo de amor à arte e a generosidade para crescermos juntos. Os musicais da CAL passaram, as festas também, mas o carinho por todos eles fica, a vontade de ser artista também.

À todo que me ensinaram muito na Rádio MEC FM e na Conspira TV, locais em que cresci profissionalmente e certamente me prepararam melhor para a vida profissional.

Aos meus professores, todos eles, até mesmo os péssimos, que me ensinaram como não ser. Porém, prefiro lembrar dos bons: desde as tias do Florescer, até os inúmeros do pH Tijuca. Em especial, Raphael Katyara e Eduardo Valladares, que alimentaram esse meu ímpeto sonhador que me faz querer contar histórias através do cinema.

Também aos mestres da Escola de Comunicação, esse lugar peculiar e encantador onde se aprende assuntos tão diversos e abrem-se tantas portas e janelas que você sente que sai sabendo menos do que entrou. As aulas inspiradoras de Paulo Oneto, Renzo Taddei, Liv Sovik, Paulo Vaz no ciclo básico farão muita falta. A todos meus professores de Rádio e TV, Afonso Claudío, Guiomar Ramos, Teresa Bastos, Maurício Lissovsky, obrigado. Em especial, a Ivan Capeller e Kátia Augusta, cujas aulas possibilitaram todas as minhas experiências práticas com audiovisual dentro da ECO. Natural terem sido minha escolha para banca examinadora. Ao meu Orientador, Fernando Salis, pelas conversas estimulantes, críticas construtivas, por segurar a barra quando *O Poste* precisou, por todo apoio na reta final da graduação, minha gratidão.

Agradeço à Roehampton University, minha casa e faculdade no transformador e decisivo ano de intercâmbio, e aos professores que ajudaram a ampliar horizontes por lá.

À Universidade Federal do Rio de Janeiro, a instituição que viu toda minha trajetória desde a engenharia até a comunicação sempre sendo minha segunda casa. Levarei com orgulho a Minerva no meu diploma e sempre estarei disposto a defendê-la.

À Gabriela, minha parceira diretora, minha amiga, todo meu amor. Pela generosidade de me deixar contar a história desse filme, por aquela garrafa de vinho barato no carnaval e aquelas conversas morgadas depois do bloco. Pela amizade de sempre, obrigado.

Ao João, pelas viradas de noites juntos montando o filme com muito bom humor e competência. Pelas pequenas aulas a cada pergunta boba. Por ajudar a me apaixonar pela sala de montagem.

À Equipe do poste e seu esforço incansável de fazer acontecer: Carla, Paula, Paloma, Mila, Julia, Luisa, Juliana, Nanda, Miguel, Luis Fernando, Fifo, Paulo, Dennis, Natália, Fernanda, Thiago. Esse filme é nosso.

Escrito num Livro Abandonado em Viagem

“Venho dos lados de Beja.

Vou para o meio de Lisboa.

Não trago nada e não acharei nada.

*Tenho o cansaço antecipado do que não acharei,
E a saudade que sinto não é nem no passado nem no futuro.*

Deixo escrita neste livro a imagem do meu desígnio morto:

Fui, como ervas, e não me arrancaram.”

*Álvaro de Campos
Heterônimo de Fernando Pessoa*

ABREU, Lucas B.V. **O Poste: processo de realização de um curta de ficção.** Orientador: Fernando Alvares Salis. Rio de Janeiro, 2016. Monografia (Graduação em Radialismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 55f.

RESUMO

O Poste é um curta-metragem que pretende mostrar as estranhas relações que temos na atualidade. Ou da falta delas. Apesar ao alto nível de conectividade contemporânea, vemos personagens isolados. Essa solidão leva a comportamentos excêntricos, figuras patéticas e situações tristes, tendo seu ápice nas conversas com o poste, a válvula de escape possível e improvável. A intenção é expor um pouco das nossas fraquezas e provocar reflexão acerca do que nos faz humanos hoje em dia, através de personagens e situações deprimentes que flertam com o non-sense. Todo o percurso de uma produção universitária autoral, desde a concepção da obra até sua montagem final. A reflexão acerca do aprendizado do processo de criação de um curta-metragem com poucos recursos.

Palavras –chave: Poste. Curta-metragem. Solidão

ABSTRACT

The Post Light is a short film that intends to show the strange relationships we keep in the present day, or the lack thereof. Despite the high level of contemporary connectivity, we see isolated characters. This solitude provokes eccentric behaviour, pathetic figures and sad situations, having its climax in the conversations with the post light, the possible but unlikely escape. The intention is to expose our weaknesses and provoke a reflection on what makes us human nowadays, through depressing characters and situations that flirt with the nonsensical. The entire trajectory of an authorial university production, since its conception until the final cut. A reflection on learning about the creative process of producing a short film with few resources.

Keywords: Post light. Short film. Solitude

SUMÁRIO

1. Introdução.....	12
1.1 Contexto do Trabalho.....	12
1.2 Objetivo.....	13
1.3 Organização do Relatório.....	13
1.4 Concepção da Obra.....	14
2. Pré-produção.....	16
2.1 Desenvolvimento do Produto Audiovisual.....	16
2.1.1 Diretos Musicais.....	16
2.1.2 Infraestrutura Necessária.....	16
2.1.3 Orçamento e Fontes de Financiamento.....	16
2.2 Roteiro.....	17
2.3 Planejamento e Organização das Gravações.....	17
2.3.1 Definição de Equipe Técnica.....	17
2.3.2 Definição de Elenco.....	18
2.3.3 Definição de Locações.....	20
2.3.4 Cronograma de Gravações.....	22
2.3.5 Plano de Filmagem.....	22
3. Realização.....	23
3.1 Direção.....	23
3.2 Produção.....	24
3.3 Som.....	24
3.4 Arte.....	26

3.5 Fotografia.....	28
4. Pós-produção.....	33
4.1 Montagem e Edição de Som.....	33
4.2 Finalização	36
4.3 Distribuição e Exibição.....	36
5. Considerações Finais.....	37
Referências.....	38
Apêndice I Autorização de Música.....	39
Apêndice II Sinopse.....	40
Apêndice III Roteiro.....	41
Apêndice IV Descrição de Personagens.....	51
Apêndice V Cronograma.....	53
Apêndice VI Plano de Filmagem.....	54

1 Introdução

1.1 Contexto do trabalho

O Poste é um filme que surgiu em um contexto favorável: o desejo de dirigir um trabalho autoral unido à vontade de dois amigos de trabalharem juntos. O ambiente universitário, que apesar de todas as dificuldades, é um grande espaço fomentador.

Eu desejava aplicar os conhecimentos adquiridos no curso de radialismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e no intercâmbio acadêmico em Londres - onde estudei cinema - dirigindo um curta-metragem na faculdade. Ao ingressar no penúltimo período, estava inscrito na disciplina direção em audiovisual, que permite esse tipo de experiência. Logo, a pré-produção do filme se deu nesta matéria em parceria com a de Produção audiovisual – cujas turmas tradicionalmente trabalham em parceria na Escola de Comunicação (ECO)– no semestre de 2015.2. O roteiro havia sido escrito por Gabriela Giffoni há algum tempo, e me foi oferecido, após conversa em que expliquei que buscava uma história para dirigir. Nós dois concordamos em dividir a direção pois somos amigos de longa data e já tínhamos vontade de criar um filme em parceria. Temos interesses similares e conhecimentos complementares que permitiram criar uma obra audiovisual baseada em discussões e construção conjunta.

Outro fator importante foi o edital Elipse, projeto do Centro de Seleção de Candidatos ao Ensino Superior do Grande Rio (CESGRANRIO) e da Secretaria Estadual de Cultura que visa fomentar projetos de curta-metragem universitários, lançado no final do ano de 2015. Ao tomar conhecimento, nós, os diretores, concordamos em inscrever *O Poste*, avisando a equipe de produção logo em seguida desse intuito. Prontamente a ideia foi aceita, sendo também endossada pela faculdade: um dos requisitos das disciplinas de direção e produção naquele período era que todos os projetos originados nas aulas participassem do edital, como forma de exercício e possível aporte de recursos. Dessa forma, o filme foi um dos selecionados do total de 12 projetos de diversas universidades do estado do Rio de Janeiro, tendo então orçamento e viabilidade para sua realização. Importante frisar que a seleção no edital aumenta a responsabilidade na qualidade e principalmente no discurso do produto final, pois o contexto é de crise econômica na esfera pública estadual que alocou recursos para o projeto.

1.2 Objetivo

Ter a experiência de criar um projeto autoral que aplique os conhecimentos adquiridos ao longo da graduação na habilitação em Rádio e TV. Procuramos também criar um projeto em parceria criativa e artística, algo que pode ser um processo bastante difícil, mas também recompensador. O objetivo é chegar a um denominador comum mais forte e preciso em relação ao tema que abordamos, a solidão contemporânea em tempos de crise. Pela a universalidade do tema, uma visão mais plural é mais adequada. Procuramos produzir um curta-metragem que comunicasse um sentimento da nossa geração que cresceu nos anos 2000 em relativa estabilidade e crescimento, possui objetivos e expectativas mas que encara há algum tempo uma crise. O sentimento de desesperança e isolamento, novos para a maioria, resumem um pouco do que passamos atualmente, mas que desejamos retratar de forma mais ampla do que em apenas um recorte geracional, por entender ser um tema universal.

Produzir em um contexto universitário é uma forma de ter liberdade criativa e expressiva, oportunidade difícil e escassa no mercado de trabalho. É uma forma minha e de todos os envolvidos de acrescentar ao portfólio um produto que realmente exponha nossas ideias, discursos e técnica. Particularmente, é uma experiência chave no currículo pois pretendo buscar mestrados profissionais, com viés mais prático, e uma experiência como a direção deste curta é importante para alcançar este objetivo.

1.3 Organização do Relatório

O relatório procurou documentar e refletir acerca do processo de produção. Após quatro anos e meio dentro da ECO e mais um em intercâmbio, estava decidido a terminar minha graduação experimentando dirigir um curta ficcional. Após ser selecionado pelo edital Eclipse, aumentava a carga de responsabilidade e cobrança em cima do resultado deste filme. Em cada tópico do relatório procurei colocar os aprendizados e pensamentos que desenvolvi ao longo do processo e como foram minhas tomadas de decisão como diretor. Busquei organizá-lo também de forma a transmitir todas as concepções da obra audiovisual realizada, dentre som, fotografia, arte e etc. desde a ideia original, analisando o que foi possível produzir e finalmente refletindo sobre o que acabou sendo feito. A partir disso, expliquei qual foi o melhor caminho que entendi para montagem manter o discurso do roteiro mesmo que o corte final tenha alterado pontos na história original.

Para além de um relato descritivo, a ideia é justificar as escolhas com embasamento na reflexão do que seria melhor para este curta, que carrega muita responsabilidade, por ser uma

realização de uma Universidade pública, com aporte de recursos públicos estaduais em contexto de falência econômica do Rio de Janeiro.

1.4 Concepção da Obra

O Poste é um filme contemporâneo que pretende mostrar as estranhas relações que temos na atualidade. Em contraponto ao alto nível de conectividade que atingimos, mostra personagens isolados. Essa solidão leva a comportamentos excêntricos, figuras patéticas e situações tristes, tendo seu ápice nas conversas com o poste, a válvula de escape possível e improvável. A intenção é expor um pouco das nossas fraquezas e provocar reflexão acerca do que nos faz humanos hoje em dia, através de situações deprimentes que beiram o non-sense.

A proposta inicial era mostrar 6 núcleos de personagens que moram muito próximos uns dos outros: Barbara, uma mulher de 40 anos que não trabalha, não possui uma “função social”, e quer se aposentar; Leonardo, que termina seu namoro com Gabriel, e sofre as consequências do término; Flávio, um homem por volta dos 55 anos que mora com sua mãe, Rose, uma mulher autoritária e sufocadora que nunca deixou seu filho sair de casa, mas que já está com sua saúde debilitada e quer ter certeza que tudo esteja organizado para quando ela partir, inclusive a música de seu funeral. Ainda temos Valério, um ex-produtor de TV frustrado que é obcecado com seu sucesso do passado, um programa de TV com cachorros chamado Tele Totó; Estela e Heitor, um casal solitário que só tem um ao outro e busca preencher a falta de outro relacionamento insistindo para o entregador de pizza ficar para jantar; e por fim Rebeca, uma menina que percebe em sua festa de aniversário que não se conecta a nenhum dos convidados e resolve acabar com a comemoração ateando fogo à própria mão. A começar por Barbara, essas pessoas começam a usar um poste diferente como válvula de escape. Suas vidas já sem sentido são amenizadas por essa estranha interação, mas não dura muito: o poste logo é retirado pela prefeitura pois não é funcional.

As principais referências para a construção do filme foram os filmes da trilogia do ser humano, do diretor sueco Roy Andersson: *Canções do segundo andar* (2000), *Vocês, os vivos* (2007) e *Um pombo pousou num galho refletindo sobre a existência* (2014).

A proposta da fotografia inicialmente eram cenas frontais, com bastante profundidade de campo, próximo dos filmes de Andersson. Queríamos um estranhamento na imagem, a ser buscado tanto na fotografia, quanto nas atuações e na arte. Nesta, a ideia era criar espaços vazios, minimalistas, com alguns poucos objetos que materializassem os estados de espíritos das personagens que ali vivem, junto de uma paleta de cores bem definida para cada núcleo de

personagens da história. As atuações deveriam seguir um tom realista, com indiferença das personagens mesmo diante de situações bizarras. O som surgiria como uma amarração das diversas histórias que vemos ali, criando um mesmo ambiente sonoro, em que as vozes e ruídos de cada cena vazassem nas outras, além de criar um contraste entre o vazio nas cenas internas com a confusão e poluição sonora nos momentos externos. O principal fator de coesão seria o piano do personagem Flávio, que o toca insistentemente.

2 Pré-Produção

2.1 Desenvolvimento do Produto Audiovisual

2.1.1 Direitos Musicais

Autorização no apêndice 1.

Todas as músicas presentes na trilha estão regulamentadas. Prelúdio nº1 BWV 846, de Bach, é domínio público, a gravação foi executada e gentilmente cedida pela pianista Luiza Alvim, e gravada por Filipe Cretton, técnico da ECO que também fará a mixagem do filme.

2.1.2 Infraestrutura Necessária

Foram utilizadas duas locações internas e uma externa para o filme. Além disso, o equipamento necessário foi cedido pela equipe ou amigos, como a câmera Canon 6D e as lentes. Além disso, foram usados gravadores, refletores e tripés da faculdade e alguns alugados na Cia. Rio/Naymar, empresa do ramo de equipamentos audiovisuais. Contratamos um operador de steadycam e de drone, ambos com material próprio, para as cenas com movimento de câmera. Foram utilizadas as instalações da Escola de Comunicação para filmagem de uma tomada com fundo verde, para aplicação em alfa (Na cena do cinzeiro caindo pela janela, no início do filme), além de um carro para a cena da remoção do poste. O transporte dos equipamentos e objetos de arte foram feitos com meu carro, o da diretora de arte e com viagens de táxi ou Uber. A alimentação no set foi preparada pela produção, utilizando sempre a cozinha da base de produção da externa (a casa da coordenadora do som, Julia Araujo) para preparação, além do apoio com sobremesas e sucos que obtivemos das empresas La Fruteria e Frutos de Goiás.

2.1.3 Orçamento e Fontes de Financiamento

O orçamento final está no apêndice I.

Todo o custo do filme foi financiado pela verba do Edital Elipse, sendo o transporte custeado pela própria equipe. Houve apoio cultural da Cia RIO/Naymar, que forneceu alguns refletores a um preço bastante abaixo do mercado, e das empresas do ramo alimentício La Fruteria e Frutos de Goiás, que forneceram sucos, saladas de frutas e picolés para todas as diárias.

2.2 Roteiro

Ver apêndice II para Sinopse, III para Roteiro e IV para descrição de personagens.

O roteiro surgiu após conversa da roteirista Gabriela e seu pai, que discutiam um pouco da crise que todos parecem viver atualmente. A falta de comunicação parece cada vez mais forte apesar de vivermos extremamente conectados, e o crescimento de posições extremas e intolerantes é apenas uma das consequências dessa falta de troca. Parece que que chegará o momento que só conseguiremos conversar com um poste, tamanha a falta de empatia e compreensão alheia. A partir desse cenário, foram criados personagens caricatos que demonstrassem esse isolamento provocando situações bizarras. O ponto de partida era tentar pensar o que poderia ter acontecido na vida deles que chegasse a causar tais situações. A inspiração para o tom das personagens veio dos filmes de Roy Andersson, diretor Sueco, e sua trilogia da vida: *Canções do Segundo Andar* (2000), *Vocês, os Vivos* (2007) e *Um Pombo Pousou num Galho Refletindo sobre a Existência* (2014).

Inicialmente, as personagens principais eram Leonardo e Rebeca. Depois surgiu Nicolas, que foi transformado em Barbara, e a principal condutora da narrativa. Porém, a ideia é que nenhuma das histórias seja a principal, dando mais força à narrativa da transformação do poste na vida das personagens. Muito do desenvolvimento das personagens veio através dos ensaios, em criação coletiva com os atores.

2.3 Planejamento e Organização das gravações

2.3.1 Definição da Equipe Técnica

A semente do filme foi plantada em duas disciplinas do curso de radialismo: direção e produção audiovisual. Dessa forma, a primeira parte da equipe se formou a partir dos alunos que estavam inscritos nestas cadeiras, após a minha iniciativa em dirigir o filme. Propus sua a realização em aula e esperava trabalhar com pessoas que acreditassem no que o projeto pretendia contar e que topassem enriquecer o discurso da obra com suas próprias ideias.

Assim a equipe de produção e direção se formou, além de ter sido definido o diretor de fotografia. Juntaram-se a esse grupo inicial, a convite meu e de Gabriela, outros alunos do curso de radialismo para preencher as cabeças de equipe que faltavam: arte e som. Essas definições foram importantes logo no começo não só para a organização e planejamento, como para a inscrição no Elipse, pois era uma exigência do edital que todos os chefes de departamento fossem alunos da mesma faculdade. Ao longo do processo de pré-produção e durante as próprias filmagens, algumas pessoas da equipe saíram, outras entraram e algumas

até mudaram um pouco suas funções, mas tudo aconteceu de forma que o trabalho ficou mais fluido e agradável a todos.

2.3.2 Definição do Elenco

A escolha do elenco foi uma das etapas que mais trouxe aprendizado para toda a equipe, e principalmente aos diretores. Eram 11 personagens a serem criados, e significava um desafio encontrar todos os perfis. Conforme nossa proposta de direção, procuraram-se atores que já encaixassem de alguma forma nas personagens, e que viessem construir as cenas durante os ensaios a partir de características próprias. Decidiu-se não abrir testes em um primeiro momento, cabendo a mim, Gabriela e a produtora de elenco Paula, indicarem atores para cada personagem. Foram marcadas conversas com atores e atrizes, cujos trabalhos eram reconhecidos e demonstravam capacidade desejada. Em um primeiro momento, o elenco foi praticamente fechado, à exceção do personagem da idosa Rose.

A primeira escolha foi Cristina Flores para o papel de Bárbara. Logo, também foi fechado o núcleo de Heitor, Estela e Bruno, respectivamente com os atores Márcio Vito, Paula Sandroni e Gabriel Barros, seguido pelo casal Leonardo e Gabriel, com Renato Luciano e Fábio Enriquez. Kadu García foi escolhido para o papel de Valério, Giulia Del-Penho como Rebeca e Stephanie Blue, uma jovem cantora que motivou a inclusão de sua personagem no segundo tratamento do roteiro, como Jussara. Para o núcleo de mãe e filho, Rose e Flávio, conversou-se com dois professores de teatro. Assim, Álvaro de Sá entrou para o elenco, enquanto Maria Esmeralda Forte, que foi convidada, declinou por questões de agenda. A opção seguinte foi a teatróloga e diretora de cinema Dina Moscovici, que mostrou-se interessada, mas após leitura do roteiro não sentiu-se capaz de realizar o filme. Dessa forma, o papel ainda estava vago há cerca de 3 meses para o início das filmagens.

O elenco selecionado agradou muito aos diretores, pois cada um tinha o potencial para dar vida aos personagens, indo até além das características pensadas inicialmente. Entretanto, com a divulgação dos selecionados para a equipe, o processo de escolha se mostrou uma falha: conforme conversávamos com cada um dos atores, e estes se mostravam interessados e disponíveis, os papéis foram sendo fechados. Porém, dessa forma não houve uma análise crítica do todo do elenco.

Isso causou falta de representatividade, pois era um elenco formado majoritariamente por atores brancos, sendo o único negro, Gabriel Barros, no papel de Bruno, um entregador de pizza. Essa questão foi levantada entre Lucas, Gabriela e Paula quando já havia 80% dos

atores selecionados, mas não foi debatida adequadamente até que a equipe toda tivesse conhecimento do elenco, quando Mila Teixeira, a produtora de arte, sentiu-se pessoalmente ofendida. Em um país como o Brasil, cuja maioria da população é afrodescendente, tal questão ter sido ignorada na seleção resultaria num filme muito problemático, ainda mais sendo produto de uma Universidade Federal com recursos de um edital do Governo do Estado, o que embute uma carga maior de responsabilidade com o discurso. Além disso, já não representaria nem a equipe que o criava, algo sem sentido numa produção dessa natureza. A falha também mostrou que havia uma lacuna na comunicação entre membros da equipe, que se tivessem acompanhado a seleção em todas as etapas, certamente teriam levantado esse e quaisquer outros problemas.

Esse foi o primeiro fator de alteração do elenco que surgiu, e juntou-se com problemas de agenda de alguns dos atores previamente escolhidos. Gabriel Barros deixou o papel do entregador de pizza, e deu lugar a Gé Lisboa. O casal Leonardo e Gabriel teve que mudar completamente, pois os 2 atores eram de uma mesma companhia teatral com datas muito apertadas. Assim saíram Renato e Fábio, dando lugar a Caio Riscado e Reynaldo Machado. Também entrou para o elenco Lucas Nascimento, no papel do morador de rua com ares proféticos e hostis. Seu trabalho na montagem *Panidrom*, de João Pedro Orban, do curso de artes cênicas da UFRJ, tinha chamado a atenção dos diretores, que resolveram incluir seu papel no filme.

Algumas outras mudanças ocorreram durante as filmagens: Álvaro de Sá deixou o filme por falta de tempo, indicando um aluno recém-formado na Casa das Artes de Laranjeiras, Roger Cardoso, para o papel de Flávio, enquanto sua mãe foi interpretada por Selma Lopes, renomada dubladora. Stephanie Blue pediu para deixar o filme, por problemas pessoais, então Jussara foi interpretada por Jessica Lamana. Por fim, a última mudança foi neste mesmo núcleo, com a saída de Giulia Del-Penho cedendo o posto de Rebeca a Isis Pessino. Essa certamente foi a alteração mais problemática, pois Giulia já havia gravado uma cena na primeira diária e se atrasou muito para a segunda ao ponto de não ser possível realizar a cena daquele dia.

Como o plano de filmagem previa retorno às duas locações das primeiras diárias, não configuraria uma questão grave. Entretanto, a uma semana das diárias finais, em que a presença de Giulia era imprescindível, a atriz queria desmarcar conosco por razões de trabalho, sendo assim retirada do elenco. Isis foi convidada de última hora, tendo apenas um ensaio antes das filmagens, mas se mostrando interessada e identificada com o projeto.

Mesmo assim, a cena da festa acabou ficando de fora do corte final. Foi a menos consistente em termos de desenvolvimento do personagem, justamente pelos problemas apontados, além de ter sido necessário enxugar os enredos para criar maior força narrativa para o filme como um todo e conseguirmos fechar o filme dentro dos 15 minutos requeridos.

O elenco final se configurou da seguinte forma: Cristina Flores (Bárbara), Isis Pessino (Rebeca), Jessica Lamana (Jussara), Caio Riscado (Leonardo), Reynaldo Machado (Gabriel), Paula Sandroni (Estela), Márcio Vito (Heitor), Gé Lisboa (Bruno), Kadu Garcia (Valério), Roger Cardoso (Flávio), Selma Lopes (Rose) e Lucas Nascimento (Morador de rua). Gam, namorado de Luisa Triers, da produção, fez participação como o Cachorro de Valério, e Leonardo Hinckel e Luangelys de Paula como os funcionários da prefeitura que removem o poste. Houve diversas participações nos depoimentos de não-atores e pessoas interessadas em conversar com o poste. No corte final, o núcleo de Rebeca ficou de fora, então vemos Jessica Lamana e Isis Pessino apenas na sequência de depoimentos no poste.

Durante o processo, pude perceber que um elenco é certamente um “organismo vivo”, pois seus componentes podem mudar, ficando mais difícil quanto maior ele for. Então é importante procurar atores disponíveis, interessados e capazes para realização, mas não se deve apegar a um específico se este acabar prejudicando a produção. A substituição no casal Leonardo e Gabriel foi muito difícil, especialmente para Gabriela, que havia indicado os dois atores originais. Outro ponto foi nossa insistência em manter Giulia no papel de Rebeca quando ela já mostrava sinais de não entender completamente o grau de comprometimento que precisávamos dela.

Já em relação ao principal problema do processo de escolha, o de representatividade, expôs a necessidade de nunca deixar de lado as preocupações com o discurso e as questões éticas que motivam a direção de um filme. No fim, o elenco principal do filme contou com 3 atores negros (Reynaldo, Jéssica e Lucas) em 12, um número ainda baixo, mas o que foi possível nos momentos de definição.

2.3.3 Definição das Locações

As locações foram definidas segundo os seguintes critérios, do mais ao menos relevante: disponibilidade, adequação às propostas de arte e fotografia, adequação à logística do plano de filmagem, que envolvia um arranjo de localizações das opções disponíveis e da versatilidade da locação. Tentamos utilizar cada locação para, pelo menos, dois núcleos, assim reduzindo deslocamentos. Dessa forma, tivemos duas locações internas, cada uma com

três núcleos, e uma externa para cenas do poste: apartamento no Flamengo, apartamento em Copacabana e rua Lauro Müller. Todas cedidas sem custo.

No Flamengo, conseguimos graças à Andressa Hazboun, amiga de Gabriela, que permitiu nossa presença durante um fim-de-semana. Lá filmamos as cenas da festa de Rebeca, a cozinha de Estela e Heitor e a casa de Rose e Flávio. Para Rebeca, utilizamos o banheiro, um corredor e o salão principal, espaço que permitiu a criação da festa como queríamos. Por se tratar de um imóvel antigo, possuía um pé direito alto e cômodos grandes, dificultando um pouco a captação do som, mas por outro lado ajudando nos enquadramentos com profundidade e nas dinâmicas de cena, e no caso da festa nos permitiu o vazio com a sensação de inadequação trazida pela personagem central desse núcleo. Ajudou também na composição do apartamento de Rose, que deveria ser antigo. Entretanto, o espaço do cômodo de entrada que escolhemos não imprimiu tal característica após a escolha do enquadramento, e a composição da cena, com móveis e material hospitalar foram mais relevantes para a construção do sentido da cena da mãe moribunda. A cozinha foi o espaço na cena com entregador de pizza, determinada pois era a cozinha que tínhamos disponível que mais se encaixava nos parâmetros da cena, que demandava mobilidade para os atores e espaço para o posicionamento da câmera.

As internas na casa de Leonardo, Barbara e Valério foram no apartamento do ex-aluno da ECO Robson Tiago Padilha, que não hesitou aceitar nosso pedido. A saleta que dá acesso a cozinha foi ideal para a cena do ex-produtor de TV Valério para construção de sua cena, pois era possível manter a linguagem sem movimento de câmera, já que a geladeira e o sofá em frente à televisão puderam estar no mesmo quadro. Já Bárbara pôde ter uma sala grande, importante para a construção de sua personagem através da exploração do espaço e composição da arte, além da conexão com o núcleo de Leonardo e Gabriel que moram alguns andares acima dela, pois a janela da sala dos dois apartamentos na história é a mesma.

A escolha da externa foi difícil pois queríamos uma rua neutra, de preferência com um muro. Buscamos em diversos bairros mas acabamos retornando aos fundos do Campus da Praia Vermelha da UFRJ, onde achamos um lugar que se encaixaria para a cena, além de termos um apartamento para a base de produção no mesmo quarteirão, a casa de Júlia Araújo, responsável pela equipe de som. A escolha do lugar não foi ideal pois era ao lado de um depósito da Comlurb, com muita movimentação de tratores e caminhões, além de não termos como fechar o tráfego de carros e estarmos relativamente perto de um aeroporto, dificultando a captação de som e atrasando algumas tomadas.

2.3.4 Cronograma de gravação

Ver Apêndice V.

Cronograma iniciou-se em outubro de 2015, com base no período de 2015.2, mas adaptou-se ao Edital Elipse após a seleção. A pré-produção se deu nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro, com as filmagens sendo realizadas em 6 diárias entre o final do mês de março e início de abril. A montagem iniciou-se em maio, e terminou em meados do mês de julho. A finalização terminará até o dia 22 de agosto, prazo de entrega do produto final ao edital

2.3.5 Plano de Filmagem

Ver Apêndice VI.

A direção e a produção decidiram em conjunto os parâmetros para definição dos planos de filmagem. A perspectiva inicial era de 5 a 8 diárias, dependendo das locações e disponibilidade dos atores que conseguíssemos. Felizmente, conseguimos 2 locações que viabilizariam filmar todas as internas, facilitando um pouco o trabalho de organização do plano. Originalmente foram definidas 7 diárias, com 4 internas (2 em cada locação) e 3 externas, mas acabamos realizando apenas 6, com uma externa a menos, por problemas ao longo das filmagens.

O mais lógico nas internas é que fosse um fim-de-semana para cada, amenizando custos e trabalho no transporte de equipamentos. Esse era o planejamento inicial, mas tivemos problemas com a casa no Flamengo. No dia da diária 2 (2 de abril), um sábado. Soubemos que no dia seguinte, domingo (3 de abril), não poderíamos filmar por imprevistos de última hora, provocando adiamento. Só retornamos à locação então na diária 6 do plano final (17 de abril), filmando todas as cenas indicadas e mais a última cena da diária 2, que não foi gravada pois tivemos problemas com a atriz que faria Rebeca. Porém, no dia 17 de abril já havia outras cenas a serem feitas que tiveram que ser realocadas. Elas passaram para o dia 16 de abril, a diária 5 do plano final. Tais mudanças acabaram sendo benéficas, pois como mudamos a atriz que faria a Rebeca no meio das filmagens, tivemos tempo de achar uma substituta já que suas cenas estavam nas diárias finais.

3 Realização

3.1 Direção

A equipe de direção teve a mim na direção, além de Gabriela Giffoni, a roteirista, na codireção. Contamos ainda com duas assistentes de direção: Carla Villa-Lobos, a primeira AD, função que ela já desempenhara tanto acadêmica quanto profissionalmente, tendo contribuído de maneira incansável para a organização e realização prática das visões dos diretores. A segunda AD foi Paula Malheiros, que inicialmente produziu o elenco e naturalmente assumiu a segunda assistência durante as filmagens.

A direção dos atores procurou usar as experiências de cada um do elenco para construir os personagens. Tendo com inspiração os personagens apáticos de Roy Andersson, nos ensaios foram construídas as cenas procurando trazer uma carga de realismo na atuação, de forma que as situações, mesmo absurdas, não ficassem completamente inverossímeis. Por outro lado, esse mesmo registro de atuação serve como um reforço da crise geral, pois mesmo no limite da razão, eles parecem encarar aquilo com normalidade. Outra referência para os atores foi o trabalho em *Os Excêntricos Tenenbaums* (2001), do diretor Wes Anderson, onde percebemos indiferença e falta de pertencimento naqueles personagens, mesmo se tratando de uma história de família, onde há maior intimismo nas cenas. Procuramos trazer isso para *O Poste* pois expomos o espaço privado de cada um dos personagens para mostrar que mesmo ali, eles estão desconectados de suas realidades.

O processo dos ensaios foi bastante longo e fragmentado, pois cada núcleo tinha uma demanda e disponibilidades diferentes. Procuramos realizar no mínimo 2 encontros com cada ator, tendo tido mais encontros com Cristina Flores (Barbara), por ser a personagem que conduz o filme, além de um ensaio final nas locações, na semana das filmagens. Nossa proposta sempre era improvisar em cima de cada cena, e a partir desse experimento, criar os diálogos e as dinâmicas. Entretanto, pelas diversas experiências do elenco, cada um núcleo teve suas particularidades.

Na criação de Barbara (Cristina Flores) e da cena do casal Leonardo (Caio Machado) e Gabriel (Reynaldo Machado), a proposta foi seguida: foram 5 encontros em que desenvolvemos o histórico das personagens junto com os atores e escolhemos os pontos chave a serem abordados nas cenas. Quando rodamos, os atores foram precisos com o que havíamos desenvolvido e foram necessárias poucas tomadas para conseguirmos o que queríamos.

Com Estela, Heitor e Bruno, só tínhamos a cena do entregador de pizza. Tivemos poucos ensaios por opção nossa e dos próprios atores, pois percebemos que a cada novo

improviso, Marcio Vito, Paula Sandroni e Gé Lisboa perdiam um pouco da intensidade e do frescor na atuação. Foram 2 encontros para definir apenas o rumo que eles deveriam tomar para que a cena mantivesse a estrutura narrativa, mesmo com os improvisos. No set foram 7 tomadas muito boas ou excelentes, certamente a parte mais rica do material bruto, mostrando que a escolha foi acertada.

Na criação de Valério (Kadu Garcia) e Flávio (Roger Cardoso), o processo foi principalmente de construção da corporalidade dos personagens, já que eles tinham poucas falas ou nenhuma. Valério é um homem com alimentação irregular, bastante sedentário e, assim como Flávio, é reprimido e inseguro, então isso reflete bastante no corpo deles.

Para as cenas de depoimentos, nos ensaios com os atores discutíamos qual poderia ser o teor da abordagem com o poste de cada uma das personagens, em alguns casos ajudando a bolar alguma história, ou pensando algum tipo de comportamento específico. Já com os figurantes que aparecem depondo, fizemos uma diária em que convidamos voluntários para a cena. Cada um contou algo que gostaria de expor, não tendo sido dirigidos por nós de maneira objetiva, apenas conversando um pouco antes para ajudá-los a organizar as ideias, mas sem censura ou qualquer tipo de direção. Produzimos um material rico e de acordo com a essência do projeto, mas infelizmente pouco foi utilizado pela questão do tempo total do filme, do ritmo escolhido para a montagem e até de problemas na captação do som.

3.2 Produção

A equipe foi composta pela diretora de produção Paloma Palacio, o produtor executivo Thiago Hueb, além de Luisa Triers como produtora de set, Paula Malheiros na produção de elenco e Mila Teixeira produzindo a Arte.

A produção foi fundamental para a realização do projeto, pois teve voz ativa nas decisões junto à direção e demonstrou interesse no projeto desde o início. O filme foi viabilizado através do edital graças à formatação do projeto que a equipe realizou, tendo sido um dos 12 projetos selecionados inclusive com sua organização elogiada pela Secretaria Estadual de Cultura.

3.3 Som

A proposta é que o som servisse como principal fator de coesão no filme. Pelo ambiente sonoro em que os personagens vivem é que é possível perceber que, embora solitários, eles não estão sozinhos. Importante também para deixar claro que todos moram

próximos, alguns no mesmo prédio ou em frente, e também trazer uma proximidade do estado mental de cada um deles. O principal som que perpassa a vida de todos é o incessante piano de Flávio, que invade os outros apartamentos e por vezes serve como trilha para aquelas vidas vazias e também um dos elementos para comunicar o estado de espírito da personagem, cada vez mais pressionado.

A equipe de som teve um membro central que foi Julia Araujo. Encarregada do som direto, era seu primeiro projeto desempenhando a função. Dessa forma, procuramos outras pessoas que pudessem dividir a tarefa com ela e chamamos Fernanda Szuster, aluna de Cinema da PUC-RJ, e Igor Leite, que também é de Rádio e TV na UFRJ. Infelizmente, por problemas de agenda, ele ficou de fora do projeto, enquanto Fernanda acabou tendo participação reduzida nas diárias por compromissos profissionais que surgiram em cima da hora já na primeira diária. Com isso, a produção indicou Dennis Santos para cobri-la neste dia, mas que acabou fazendo a maior parte das filmagens conosco. Além dele, tivemos também Deborah F., colega de banda de Dennis com experiência em gravação de áudio, que cobriu algumas ausências dele.

Essas mudanças frequentes na equipe de som certamente contribuíram para alguns problemas na captação do áudio, como por exemplo a falta de uso de microfones lapela nas externas com o poste, que poderia nos ter dado um resultado muito melhor e não teríamos de abrir mão de alguns planos, além de facilitar o trabalho da mixagem e da edição. O desenho de som foi pensando por Fernanda e Julia, mas esta última é que garantiu como coordenadora do departamento que ele fosse executado, pois esteve presente em todas as diárias. Ela fazia os boletins de som, descarregava o material e, para além do som direto apenas, sempre garantia que gravássemos os sons ambientes e quaisquer outros ruídos que seriam importantes para a pós-produção.

Apesar de ter sido a parte técnica mais destoante no filme, a equipe de som foi uma das mais empenhadas. Dennis entrou de última hora e ajudava em tudo que podia, desde carregar equipamentos na desprodução, até conseguir um cartão SD de emergência após doídos nossos pararem de funcionar no set. Julia cedeu sua casa para testes de elenco, ensaios, reuniões, base de produção, depósito de equipamentos e objetos de arte, além de ter conseguido manter a coesão na equipe mesmo essa tendo variado muito.

3.4 Arte

A direção de arte foi de Juliana Muniz, aluna da ECO que já havia experimentado a função em outros trabalhos na faculdade. Ela trouxe como assistente Fernanda Martins, que também já trabalhou na arte de diversas produções. Embora a formalidade do cargo, as propostas e a criação da arte tiveram envolvimento igual das duas, tendo sido um dos departamentos mais funcionais do projeto. A produção da arte foi coordenada por Mila Teixeira, embora os figurinos e objetos de cena tenham sido conseguidos em esforço coletivo da equipe pois naturalmente em um filme universitário de baixo orçamento, cada um contribui um pouco para viabilizar as visões da arte. Importante também ressaltar a participação de Natália Runze como maquiadora. Eu indiquei sua participação pois ela trabalha profissionalmente com maquiagem, mas ainda procurava mais experiência no segmento audiovisual. Seu comprometimento com o projeto foi completo, tendo sanado uma das funções carentes na equipe e criado identificação com todos.

Inicialmente optou-se por direcionar uma arte mais minimalista, que através de poucos recursos cênicos contemplasse o vazio subjetivo de cada personagem. A paleta de cor geral proposta era de tons neutros, que circulavam entre beges, marrons, azuis e vinhos. O objetivo com esta paleta, que foi ainda subdividida entre os seis núcleos de personagens, era de não passar uma ideia de frescor ao filme, de algo novo. A ideia era conseguir transferir através das cores e objetos o velho, ultrapassado e “mofado” na vida e lugar de casa personagem trabalhado. Um dos elementos que influenciou nessa escolha foi a observação de quadros de natureza morta. O figurino também caminharia nesse sentido, acompanhando cores e harmonias com a paleta, e expressando a individualidade de cada situação trabalhada em cena.

Com o passar das filmagens, nos deparamos com desafios como escolha de locações mais limitadas, entre outros aspectos que desviaram do planejamento inicial, mas sem ferir com o proposto essencialmente. A paleta de cores foi mantida, mas o plano minimalista foi o que mais se transformou. Como os espaços escolhidos para locações impuseram algumas questões bem específicas, muito da forma foi definida com novos objetos e propostas. Sentia-se que alguns núcleos de personagens também necessitavam de cenários mais excessivos, com mais objetos que dessem a ideia do contexto caótico que se passavam nos vazios e conflitos de cada personagem. Sentiu-se que o caos e a bagunça colaborariam muito para a ideia de ambientes ultrapassados, envelhecidos pelo tempo e pelos dramas de cada personagem, em detrimento do minimalismo no preenchimento dos espaços. Os figurinos se mantiveram na

proposta e nas cenas externas acompanharam bem a identidade de cada personagem. Seguem abaixo as propostas em cada um dos núcleos.

Barbara: ambiente abarrotado de objetos. Uma acumuladora que dificilmente se desfaz do que encontra. Móveis provisórios e muitos objetos compõe sua sala. Seu figurino é mais desleixado, flertando com o non-sense e a experimentação de roupas que também guarda sem nenhuma explicação lógica, como camisolas antigas, mascaras, etc. A ideia é refletir um personagem alienado, distanciado da realidade e fechado em um mundo próprio.

Valério: uma quitinete inteira decorada com quadros com matérias e fotos do programa de televisão Tele Totó – o programa que ele criou e fez muito sucesso – seu vício e obsessão. Percebe-se no ambiente seu desleixo, pratos sujos, comidas estragando e seu esquecimento de si próprio de alguma maneira. Perdemos um pouco dos detalhes com o quadro escolhido no filme, ficando mais clara apenas a bagunça na casa.

Estela e Heitor: Cozinha muito suja, com muita louça e restos de comida e embalagens acumuladas. Em outro ambiente, uma sala de jantar que propõe uma outra imagem, “fora dos bastidores”. Louças caras, talheres dourados, sopeira antiga, mostrando a contradição dos personagens em seu caos e o que gostariam de projetar. A locação nos obrigou a utilizar um ambiente único, optando-se então pelo espaço sujo e bagunçado, mas ainda utilizando as louças finas na mesa de jantar.

Leonardo e Gabriel: um apartamento contemporâneo mas um tanto quanto esquecido. Um “cool” deixado de lado, uma imagem que corresponde a falta de sentido a que a vida de Leonardo chegou.

Flavio e Rose: Uma sala bastante hermética, e claustrofóbica, ilustra o desconforto de Flavio. Imagens religiosas no fundo com pequenos objetos que Rose acumulou ao longo da vida, acompanhados de elementos hospitalares para mostrar a decadência da saúde de Rose. Devido à locação, o espaço não ficou tão claustrofóbico, mas utilizamos a fotografia para sanar a questão.

Rebeca: O cenário da festa é decadente. A decoração é interessante mas o espaço é pouco acolhedor. Não há muitas pessoas, tudo colabora para um certo estranhamento do espaço, que se justifica pelo desconforto da própria personagem. Este núcleo acabou caindo na edição, não sendo apresentado no corte final.

A produção de arte teve um orçamento relativamente baixo, tendo conseguido a maioria dos objetos de arte e figurino com amigos e equipe. O poste foi cedido por Lucas Sauer, aluno da ECO que, ao saber do projeto, prontamente colocou à disposição.

3.5 Fotografia

A fotografia foi inicialmente muito inspirada nos trabalhos dos diretores de fotografia da trilogia sueca: István Borbás no primeiro com Jesper Klevenas e Robert Komarek, Gustav Danielsson no segundo filme, e no terceiro novamente Borbás, este com co-direção de Gergely Pálos. Nos três filmes a fotografia é marcada por uma câmera majoritariamente fixa, planos abertos e uma grande profundidade de campo. Dessa forma, em geral sempre há alguém em destaque na cena, que é bem revelada, expondo esses personagens e ao mesmo tempo tornando as situações esteticamente mais surreais. Ver figura 1, do filme “Um Pombo Pousou num Galho Refletindo sobre a Existência (2014)”.



Figura 1 – Fotografia nos filmes de Andersson com grande profundidade de campo

Em “O Poste” usamos a câmera parada, procurando trazer a sensação de expectadores-observadores dentro da cena. Entretanto, por limitações de locação e equipamento, tivemos que pensar em outras propostas para a fotografia. A profundidade de campo grande não seria possível principalmente pelo tipo de lente que possuíamos, embora nas locações houvesse possibilidade para cenas em grandes espaços. Quisemos ainda assim manter o estranhamento no quadro, então procuramos inserir determinados elementos que causassem certo desconforto. Na figura 2, vemos os personagens sentados à mesa que está localizada muito à direita da cena, fazendo com que Heitor esteja parcialmente enquadrado.



Figura 2 – Posição de quadro deslocado à esquerda, com personagem cortado

Esse recorte se repete algumas vezes nessa mesma cena, assim como no plano em que Leonardo sobe na mesa para jogar bolas de papel molhado pela janela, sendo “decapitado” pela câmera (figura 3).



Figura 3 – Leonardo perde a cabeça com Flávio ao Piano

Além disso, o quadro fechado, apertando e até cortando os personagens, procura expor a falta de perspectiva de Leonardo e Gabriel (figura 4) e a claustrofobia de Flávio por ainda viver com a mãe autoritária (figura 5), em contraponto aos momentos com mais espaço, que expõe o vazio na vida deles, como vemos na cena de Valério (figura 6), bagunçada e solitária.



Figura 4 – A porta entreaberta fecha mais o quadro no fim do namoro

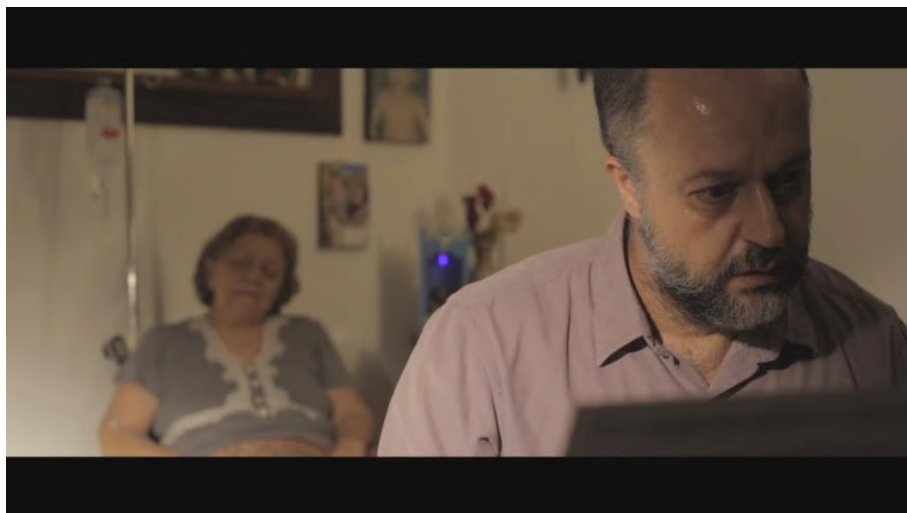


Figura 5 – Flávio tem a cabeça cortada, enclausurado em um primeiro plano apertado

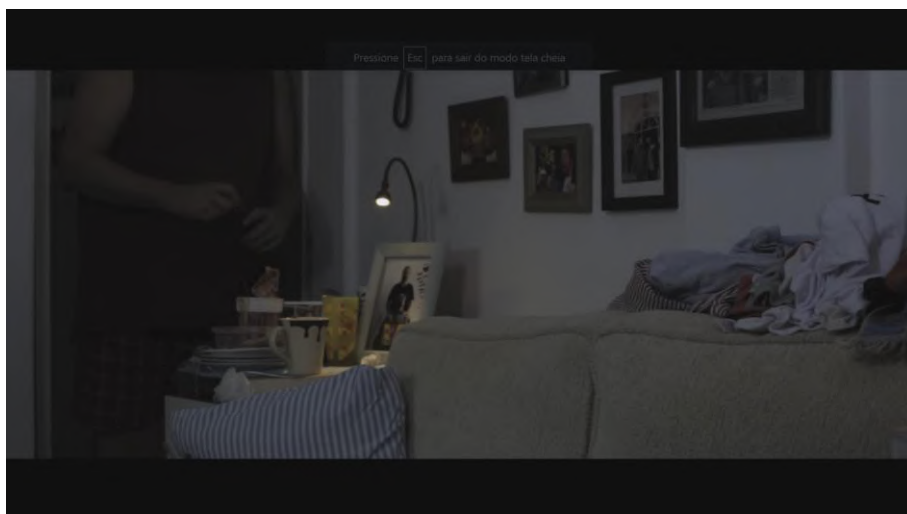


Figura 6 – A casa de Valério é bagunçada, mas vazia de afeto

No caso de Barbara, o estranhamento se dá por um contraste entre a casa poluída visualmente, neste caso um elemento da arte, e o exterior sobre exposto, revelando uma personagem alienada, que desconhece seu contexto social e vive em um mundo particular (figura 7).



Figura 7 – A casa cheia de Barbara e o exterior pouco reconhecível

Já as externas com o poste procuram mostrar um espaço urbano raso, que não fosse identificável. Usando um plano frontal em uma calçada em que só há um muro limitador (figura 8), procuramos criar um cenário descontextualizado



Figura 8 – O enquadramento base do poste: espaço urbano descontextualizado

Foram feitos nas externas dois planos com movimentação de câmera usando um equipamento estabilizador de imagem, com intenção de mostrar os momentos mais

importantes de interação da Barbara com a cidade, já que esse personagem é que ajuda a mover nossa história: com o personagem de Lucas Nascimento, o morador de rua na externa noturna, expondo hostilidade, falta de comunicação e desesperança, e depois no primeiro encontro com o poste, pontuando que a partir dali a história avança. Também fizemos um plano com drone na sequência externa final. A caminhonete seguia pela rua e os personagens e diversos figurantes corriam atrás para resgatar o poste que acabava de ser retirado. Entretanto, na montagem essa cena caiu, por acharmos exagerada e destacada do sentido que o filme tomava ao editarmos.

4 Pós-produção

4.1 Montagem e Edição de Som

O montador do filme foi João Gila, aluno da ECO e amigo pessoal, que já possuía larga experiência em edição. Eu e Gabriela decidimos convidá-lo pois, além da técnica e capacidade comprovada, o alinhamento de ideias existia bem antes do filme ser realizado.

João ficou muito interessado no projeto por causa do roteiro: ele aceitou o convite antes mesmo da primeira diária de filmagens. O que despertou sua atenção foram as possibilidades de montagem, tendo em vista que o roteiro tem um estilo aberto às atuações e contribuições do elenco e por consequência resultaria em um material bruto mais rico, que ficou com cerca de 4 horas.

O processo começou de maneira lenta, pois tínhamos que ver ou rever tudo que filmamos e preparar o material para a montagem de fato. Nessa etapa foi o momento de julgar o bruto, perceber onde erramos e acertamos. Eu assistia tudo que filmávamos assim que possível após cada uma das diárias, mas fazê-lo após um tempo dá certa independência ao material, pois foi possível desapegar de determinados momentos que agradaram quando rodamos e perceber onde estava a essência e força do filme que poderíamos extrair daquelas longas horas.

Após esse início, conseguimos estabelecer um cronograma de toda a pós-produção, em que tínhamos a entrega do corte final (após 3 ou 4 cortes) até a metade de julho de 2016, em tempo de entregá-lo para a banca avaliadora do TCC, e deixando cerca de um mês e meio para os processos de mixagem, colorização e finalização para entrega no dia 22 de agosto, data limite do edital Elipse.

A decisão do estilo de montagem do filme foi direcionada pelo tempo que precisávamos atingir (15 minutos) e pelas quase 20 cenas que tínhamos, um número alto para um curta metragem com nossa proposta. Pelo estilo do roteiro e processo criativo com os atores, a maioria das nossas cenas eram grandes planos-sequência com câmera parada, dando liberdade para improvisação. Muito do que foi gravado simplesmente não caberia no corte final, chegamos ter tomadas com 10 minutos. Nossa escolha foi realizar a montagem paralela como forma aproveitar as melhores partes de cada tomada, apresentando melhor as personagens e desenvolvendo suas narrativas da maneira mais eficaz possível. Tal estilo de montagem também reforçaria a relação espaço-temporal entre aquelas histórias diversas. Tínhamos por um lado que abrir mão da riqueza dos planos longos e da reflexividade do

conteúdo das cenas, mas por outro a inserção de muitos cortes nos permitiria criar ritmos dentro filme, podendo usá-los para criação de novos sentidos através da montagem.

O primeiro corte ficou com 22 minutos e meio, sendo basicamente uma justaposição dos planos de acordo com o roteiro, mas já experimentando a montagem paralela entre as cenas. Já havia uma consistência na parte inicial do filme, já tendo a montagem paralela que foi mantida até o corte final. Porém, ficou muito frágil na transição para as externas e na utilização dos depoimentos, bem como na sequência final, que ainda possuía o plano com drone, um plano geral em movimento da caminhonete levando o poste embora.

No segundo, o núcleo de Rebeca, com a cena da festa, foi retirado pois estava redundante em termos narrativos e destoava do restante do filme no trabalho dos atores. Foi justamente onde tivemos problemas com a atriz principal da cena, tendo que substituí-la muito próximo das filmagens e prejudicando a criação da personagem. Neste corte conseguimos achar uma transição para as cenas externas, com trechos da fala de Barbara intercalando com as chegadas de Valério, Flávio e Estela no poste, além de investigar um pouco a inserção dos depoimentos no poste, chegando à um corte de 19 minutos.

Já no terceiro, removemos o plano do drone e criamos a montagem paralela também na sequência da retirada do poste como forma de resolver alguns momentos das atuações que não ficaram como queríamos. Intercalamos a retirada com o momento em que Leonardo abraça o Poste de forma peculiar, como forma de reforçar o apego àquele objeto. Além disso, a parte dos depoimentos ficou mais próximo do que queríamos: criar uma sensação de passagem de tempo e popularização daquela situação peculiar, conforme ouvíamos o piano de Flávio em um ritmo mais acelerado e os cortes mais rápidos com diversas pessoas interagindo com o poste.

O quarto consistiu em tornar mais conciso o filme, levando o filme a ter 16 minutos. Encurtamos o momento dos depoimentos, mantendo o sentido que queríamos, mas tirando alguns planos, sincronizando os cortes com a música, usando o segundo momento da Barbara ao telefone como fio condutor. Fizemos alterações no início do filme também, dando um pouco mais de velocidade para a introdução, retirando alguns momentos de fala de Leonardo que estavam enfraquecendo a ideia da cena, que era mostrar um caso em término com um personagem que fala muito e outro totalmente passivo à situação.

Entretanto, algumas mudanças acabaram piorando o filme. Sentimos que o filme estava quase montando mas ainda era monótono, pois faltavam as nuances na montagem que queríamos. A partir da ideia inicial de que montagem paralela nos daria uma quantidade

suficiente de cortes a ponto de podermos manipular o ritmo do filme, o deixamos mais lento no início, valorizando a respiração dos atores e entre os planos, e só ganhando mais aceleração conforme o poste se fizesse mais presente na vida das pessoas. O ritmo lento volta ao vermos a retirada do poste e o desencadeamento final. Foi isto que procuramos fazer no quarto corte, que já estava bastante próximo do que seria o final.

O corte final basicamente não teve mudanças em relação ao quarto. Ajustamos alguns cortes de maneira mais fina para valorizar uma fala ou respiração, e alteramos o momento da entrada do título do filme. A cartela “o poste” aparecia logo após o grito de Leonardo na janela, na primeira sequência do filme. Decidi adiar para o fim da sequência de internas, um pouco depois da metade do filme, decisão que tinha como objetivo reforçar a relação das pessoas com o poste. Tudo que precedesse a cartela soaria como um epílogo, apenas a apresentação daquelas vidas vazias e triste. Essa opção traria uma quebra no filme, causando um estranhamento que visa valorizar os momentos com o poste como a história mais importante a ser contada.

Procuramos reforçar algumas ideias do filme através montagem. A falta de comunicação entre as personagens, pois embora já houvesse muito pouco no roteiro e no material bruto, decidimos enclausurar as relações para as internas apenas, tendo o único plano com mais de um núcleo na cena da retirada do poste, que conectava esses indivíduos a algo. O outro momento de interação externa é de Barbara encontrando o morador de rua, na cena noturna. Entretanto eles nunca aparecem no mesmo plano: optamos por criar o encontro apenas com o *raccord*¹ do olhar deles, mas enfraquecido pela diferença dos planos, um com câmera em movimento enquanto outro com ela parada. Dessa forma, a continuidade é percebida com estranhamento, como forma de manter a ideia de isolamento entre as personagens da história, mesmo em um momento de encontro.

Também procuramos utilizar a música de Flávio como um elemento quem reforçasse a importância do poste. A primeira vez que o escutamos, ele toca em um ritmo lento, comunicando a apatia na vida daquela vizinhança. Quando a música retorna, temos um ritmo mais acelerado casando com uma montagem com ritmo mais rápido, mostrando que naquele momento a vida conseguiu seguir em frente, justamente nas cenas de conversas. Barbara foi mantida como o fio condutor da história, sem necessariamente ser um filme sobre ela, e sim sobre a mudança fugaz causada pelo poste em uma sociedade sem muitas esperanças.

Durante a edição, eu discutia com meu orientador em cima de cada corte sobre as questões que surgiam, principalmente se o sentido primordial do filme, que é mostrar a

bizarrice da solidão contemporânea, conseguia ser passado, além de analisar cada uma das cenas e entender o que funcionava ou não. A opinião de membros da equipe e alguns amigos também foram primordiais, já que a gama diversa de olhares, alguns totalmente de fora, outros que ajudaram a criar o material bruto da história mas que não estavam no processo de montagem, ajuda a tornar o filme cada vez mais compreensível e relevante. Percebi também o quanto montar um filme é uma recriação das ideias anteriores. A primeira palavra de João após ver o material bruto foi que o filme estava ali, mas que não sabíamos exatamente como ele sairia dali. Muitos personagens tiveram seus sentidos transformados, não em essência, mas em caráter narrativo: Valério deixou de ser um ex-produtor de TV decadente e tornou-se um obsessivo por cães, a ponto de surgir em sua vida aquele cachorro humanoide. A relação de Flávio com sua mãe Rose fica apenas sugerida, já que vemos um homem nervoso tocar incessantemente sob olhar de sua mãe moribunda.

4.2 Finalização

O filme entregue para a banca é o corte final do filme. Entretanto, tendo em vista o cronograma do projeto, a finalização ainda não foi realizada. O curta passará por processo de colorização, como forma de reforçar as propostas de fotografia e arte, objetivando uma cor menos saturada, além de imprimir uma aparência mais homogênea para o filme. Esse trabalho será feito pela diretora de arte, Juliana Muniz. Além disso, haverá a mixagem do áudio, para diminuir os ruídos e amenizar os problemas originados na captação. Importante também para a criação do ambiente sonoro que ajuda a entender todos os núcleos do filme como próximos psicológica e espacialmente. Esse trabalho será realizado por Filipe Cretton, técnico da Central de Produção Multimídia da ECO.

4.3 Distribuição e Exibição

A primeira exibição do curta será realizada no mês de setembro de 2016, em sessão do edital Elipse, onde todos os 12 projetos selecionados serão apresentados. Neste dia, os três melhores serão escolhidos por um júri para passar no Canal Brasil. Após esta etapa, nossa intenção é tentar incluir o filme no circuito de festivais e também realizar uma exibição na

¹*Raccord:*

“Um tipo de montagem na qual as mudanças de planos são, tanto quanto possível, apagadas como tais, de maneira que o espectador possa concentrar toda sua atenção na continuidade narrativa visual” (AUMONT e MARIE, 2001, P.251)

ECO não só para o corpo docente e discente, como para a equipe, atores, professores, técnicos e todos aqueles que possibilitaram a realização do projeto.

5 Considerações Finais

Certamente, realizar um projeto audiovisual requer muitas habilidades. Desde as questões técnicas de fotografia e som, às percepções estéticas na arte, no figurino, e principalmente nas habilidades interpessoais. Acredito que ter passado por todas as diversas tomadas de decisão necessárias para que o filme acontecesse mostrou que um diretor deve ter muito claro o filme que pretende fazer, e destrincha-lo minuciosamente para poder sanar todas as dúvidas que a equipe vai ter para conseguir produzi-lo. Passei a ter mais certeza que desejo continuar realizando como diretor, e desejo me aprofundar também em trabalhos de montagem.

Outro ponto relevante foi a dificuldade de produzir em parceria. Mesmo que haja uma grande afinção criativa como foi com Gabriela, há momentos em que se deve saber abrir mão ou tentar fazer uma ideia ser compreendida e aceita, e isso requer muita energia e certeza. Por outro lado, o resultado final é muito mais potente e o aprendizado maior, tendo em vista que somos dois aprendizes de cineasta capazes de cobrir as deficiências um do outro. Esse dueto criativo ajudou também a compreender melhor minhas preferências estéticas e qual o estilo pretendo aplicar nos meus projetos futuros, muito pelos momentos de divergência com minha codiretora. Entendemos o resultado final como uma conjunção das nossas visões artísticas enriquecidas pelos constantes debates e contribuições dos amigos e equipe. Certamente pretendemos trabalhar juntos novamente.

A experiência certamente contemplou a gama variada de aprendizados que adquiri ao longo da graduação e por isso considero que meu objetivo foi alcançado, juntamente com o resultado do filme, que considero muito bom e dentro do que propomos desde o início. Resultado somente possível pela oportunidade de ter uma verba para a produção, graças ao Eclipse, que também tornou a experiência muito mais proveitosa para toda a equipe. Espero que o resultado do filme ajude a reforçar e divulgar o projeto, muito importante para realizações estudantis, em geral bastante carentes de recursos.

REFERÊNCIAS

CANÇÕES DO SEGUNDO ANDAR / SÅNGER FRÅN ANDRA VÅNINGEN. Direção: Roy Andersson. Suécia, 2000

VOCÊS, OS VIVOS/ DU LEVANDE. Direção Roy Andersson. Suécia, 2007

UM POMBO POUSO NUM GALHO REFLETINDO SOBRE A EXISTÊNCIA/ EN DUVA SATT PÅ EN GREN OCH FUNDERADE PÅ TILLVARON. Direção: Roy Andersson. Suécia, 2014

OS EXCÊNTRICOS TENEMBAUMS/ THE ROYAL TENEMBAUMS. Direção: Wes Anderson. EUA, 2001

AUMONT, J. MARIE, M. *Dicionário teórico e crítico de cinema*. Campinas: Papirus, 2003.

LUMET, S. *Fazendo Filmes*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998

AUMONT, J. MARIE, M. BERGALA, A. VERNET, M. *A Estética do Filme*. Campinas: Papirus, 1995

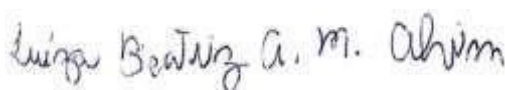
BAZIN, A. Montagem Proibida In: *O que é o Cinema?* São Paulo: Cosac Naify, 2014 p.83-94

APÊNDICE I**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE MÚSICA**

Eu, Luíza Beatriz Amorim Melo Alvim, portador da Cédula de Identidade nº 08599020-8, inscrito no CPF sob nº 02189818729, residente à Rua Joaquim Murтинho, nº 700 / 202, na cidade de Rio de Janeiro, AUTORIZO o uso de minhas gravações de “Prelúdio Nº1 em Dó Maior BWV 846”, de Johann Sebastian Bach na obra audiovisual “O POSTE”.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da gravação acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, das seguintes formas: (I) home page; (II) teasers; (III) divulgação em geral. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro.

Rio de Janeiro, 11 de julho de 2016



Assinatura

APÊNDICE II

Sinopse

Apatia. Melancolia. Embrutecimento. Esgotamento. Associações desorganizadas. Depressão. Falta de reação. Desalento. Tédio. Infantilismo. Desamparo. Miserabilismo. Sadismo. São os estados psíquicos que regem os moradores de um bairro numa grande metrópole em tempos de crise - financeira e ideológica.

Um casal implora pro entregador de pizza jantar com eles. Uma adolescente taca fogo na sua mão no meio de uma homenagem no seu aniversário. Um casal briga e um dos namorados posta um vídeo da tentativa frustrada do outro se matar na internet e vira viral. Uma mãe ensaia com o filho a música que será tocada no seu funeral. Um ex-produtor da Tv Colosso recebe uma macabra visita de Priscilla, sua maior criação. Parece que tudo chegou ao fim. E é o que grita o mendigo-profeta do bairro, o único que parece enxergar o que está acontecendo.

Num dos apartamentos, Bárbara - uma mulher de quase quarenta anos, solitária, viciada em Dreher e em maconha - resolve ligar para previdência e pedir por um dinheiro para que possa se retirar do sistema. Ela alega que não quer atrapalhar o sistema. Mas parece que o sistema não pode aceitar desligamentos dessa forma. A funcionária da previdência diz que Bárbara só conseguirá a aposentadoria se tiver alguma deficiência - mental ou física. Na procura por enlouquecer, Bárbara acaba puxando conversa com um poste. Do dia pra noite, sem explicações lógicas, o bairro todo é contaminado pelo impulso de usar o poste como analista, confessando suas dores e insatisfações.

Quando tudo parece estar um pouco menos pior, a prefeitura retira o poste. Condenando o bairro a um colapso geral. Barbara decide se autoflagelar para conseguir a aposentadoria de deficiente física. Os outros moradores decidem usar seus corpos numa revolução pela volta do poste. Por meio de um humor absurdo e de personagens excêntricos, um tanto sombrios e um tanto patéticos, a narrativa do filme funde a realidade com um surrealismo caricato afim de mostrar um retrato da solidão moderna.

APÊNDICE III

Roteiro

O POSTE

*todos os diálogos presentes no roteiro do filme estão para ilustrar o que os realizadores pretendem dos personagens, mas o trabalho com os atores definirá parte do conteúdo e a fluência desses diálogos.

INT. SALA DE BARBARA - DIA

BARBARA (33) está na janela, em pé, segurando seu telefone com a orelha, ao mesmo tempo em que enrola um cigarro. Ela tenta diversas vezes falar com o mesmo número e não consegue. Deixa o cinzeiro cair da janela. Lá de baixo alguém grita.

ALGUÉM

Cretino, filho da puta, olha o que tá fazendo.
BARBARA não reage.

INT. QUARTO DE CASAL (GABRIEL E LEONARDO) - DIA

As imagens são de textura amadora, feitas pelo celular.

Um casal discute. GABRIEL (26), filma o outro que estava ameaçando-o, LEONARDO (26), gritar pela janela.

LEONARDO

(gritando pela janela)

Eu quero sair daqui! É simples! Eu não quero mais ficar aqui!
Esse cara tá me prendendo aqui!

(para Gabriel)

O que você tá fazendo com esse celular, caralho? Merda. Larga isso, seu merda!

Um cinzeiro passa pela janela do quarto. Leonardo avança para cima de Gabriel. Os dois começam a dar pequenos socos um no outro. Eles querem se machucar, mas não sabem como lutar. São extremamente inabilitados a isso. Os movimentos são quase toscos. O celular voa longe, filma o teto. Ouvimos o som da briga. Entre si, eles não gritam.

GABRIEL

Você é um filho da puta surtado.

LEONARDO

Abre a merda da porta!

GABRIEL

A gente tem que conversar antes.

LEONARDO

Conversar o meu cu. Abre a porta.

Leonardo sai de cima de Gabriel. O celular continua ligado, filmando o teto. Percebemos a movimentação pelos ruídos.

LEONARDO (CONT'D)

(Resmungando)

Filho da puta. Você vai se arrepender.

Gabriel recupera o celular. Leonardo está sentado em cima da cama, esbaforido. Antes que Gabriel desligue o celular, Leonardo num impulso, levanta-se da cama e corre até a janela indo se jogar. Erra o movimento e, para desviar-se da grade da janela, desacelera. Acaba batendo a barriga no parapeito da janela, fica sem ar e emite alguns grunhidos estranhos.

INT. SALA DE BARBARA - DIA

BARBARA está de pé e fala ao telefone. Ela tenta convencer o departamento de Serviço Social da Prefeitura que não se sente apto a trabalhar como qualquer outro indivíduo. Ela simplesmente não se encaixa, prefere dar a chance a outros. Diz que soma mais ao sistema, se retirando dele.

Seu pedido é recusado pela funcionária da prefeitura, mas Barbara não desiste. Diz que sua mãe, avós, tios sempre pagaram a previdência. Ela até teve um tio que morreu antes de usar o dinheiro da previdência e sem deixar filhos, ela devia herdar sua aposentadoria.

A funcionária alega que só se ela tivesse um tipo de deficiência física ou mental comprovada por um especialista, ela poderia se aposentar. Bárbara tenta convencê-la, diz que tem impossibilidades concretas, que podem ser confirmadas por antigos colegas de trabalho. Barbara apela. Usa de motivos como burrice, preguiça, dor nas costas e desatenção como desculpa para não adaptação em nenhum trabalho. Afirma que é frustrante para todo mundo tê-la no ambiente de trabalho. A funcionária mais uma vez reitera que Barbara precisa ter uma deficiência encontrada na cartilha da aposentadoria. Bárbara diz que entendeu tudo, que terá que falsificar um atestado médico. A funcionária desliga.

INT. QUITINETE (VALÉRIO) - NOITE

Uma pequena quitinete, inteiramente decorada com quadros com matérias e fotos do programa infantil TV Colosso (ou algo do gênero, Tv Totó). Em uma das fotos, VALÉRIO (45), um homem gordo e feio, abraça um dos personagens do programa.

Valério abre um enlatado de sardinha na bancada da cozinha, que está bastante suja, enquanto na tv passa algum programa novo de humor raso. Com dificuldades, como se tivesse artrose ou algo do tipo, anda até o sofá. Come seu enlatado e vê tv. Ele resmunga para televisão. Sua respiração é sufocante, tem horas que coloca a língua para fora para pegar mais ar. Come seu enlatado sem destreza até roncar.

Acorda com uma mão "enluvada" fazendo carinho em seu rosto. Um SER vestido com a máscara da cachorra Priscilla (ou algo do gênero) acaricia Valério. Valério respira afoito, sem reação.

INT. SALA (ESTELA E HEITOR) - NOITE

Uma sala com aspecto bastante sujo. Caixas de comidas congeladas, bichos, roupa suja. Um poodle branco encardido lambe uma lagarta morta.

ESTELA (45), uma mulher meio alta e de ombros largos, e seu marido, HEITOR (50), um homem que usa blusa para dentro da calça e tem a blusa suja de comida. Estão acomodando e colocando a mesa para BRUNO (19), o entregador de pizza, que está molhado de chuva.

BRUNO

A chuva já tá parando não precisam ter trabalho.

Um raio aparece refletido no rosto dele. A chuva aumenta.

ESTELA

Por favor, não faça essa desfeita.

HEITOR

Fica com a gente nessa noite.

ESTELA

Você é nosso convidado. A gente bate um papo a noite toda, não precisa nem pagar por nada.

Bruno olha com os dois com suspeita.

ESTELA (CONT'D)

Vou pegar o caldo que eu preparei de entrada. É simples, mas é ótimo.

Heitor e Bruno ficam parados na sala, a situação é esquisita. Estela traz uma travessa fervendo com um caldo verde. Cheira mal. Bruno está com nojo.

BRUNO

Eu realmente não posso ficar.

Estela começa a chorar compulsivamente.

ESTELA

Por que você simplesmente não fica?

BRUNO

Senhora...

HEITOR

(Para Bruno) Olha o que você fez!

Heitor vai consolar a mulher, que chora e berra. Bruno senta-se à mesa. Estela enxuga as lágrimas e vai servi-lo. Heitor senta-se à mesa. Bruno olha pro prato e começa a comer.

INT. SALA (FLAVIO E ROSE) - NOITE

FLÁVIO (60), um homem muito magro e esquisito, toca "Ave Maria" ao piano. Ele está suando, com a cabeça tensa e a mandíbula travada. Para de tocar. A mãe, ROSE (80), está no sofá, fazendo nebulização. Flávio vai até a cozinha e volta com um copo de água. Está tremendo. Toma remédios. Volta a tocar.

ROSE

A nota estava

FLAVIO

Eu sei, mamãe.

ROSE

Desculpe.

Flávio volta a tocar. Está suado. Erra uma nota. A mãe puxa o ar com força no nebulizador, que faz um barulho mais alto. Flávio para de tocar.

ROSE (CONT'D)

Eu gosto tanto dessa música.

FLAVIO

Eu sei, eu sei. Vou recomeçar.

ROSE

Tomara que fique pronta a tempo.

INT. SALA (FESTA DA REBECA) - NOITE

Uma festa decadente. Um grupo de pessoas dança, sem se conectarem. Outras conversam assuntos extremamente entediantes. Um casal de meninas troca os chicletes. Uma pessoa com uma máscara de gás come batatinhas. Na parede da casa, uma decoração com a frase: "Parabéns, Rebeca.". JUSSARA (25) convoca pelo microfone uma homenagem a aniversariante. Ela canta emocionada, todo o restante ignora.

INT. BANHEIRO (FESTA DE REBECA) - NOITE

REBECA (24) está no banheiro escuro, mexendo no celular que clareia o rosto dela. Ao fundo, o som da música que vem da festa. Rebeca procura um objeto em cima da bancada do banheiro com a lanterna. Pega uma garrafa de álcool e uma caixa de fósforos. Sai do banheiro

INT. SALÃO (FESTA DE REBECA) - NOITE

Rebeca anda até o meio do salão. Os convidados estão no meio dos "parabéns". Rebeca pega o álcool e joga em uma das mãos. Acende um fósforo e espera pegar fogo.

INT. QUARTO/ESCRITÓRIO (LEONARDO) - NOITE

Leonardo vê no computador alguns vídeos remixados da sua tentativa de se jogar da janela. O vídeo dele tentando se jogar e depois uma montagem dele com a cara de uma ovelha já recebeu mais de 1k de visualizações. Vários comentários debochando dele aparecem embaixo do vídeo. Leonardo pega uma cadeira e se aproxima da janela. Sobe em cima da cadeira. Olha para baixo. O estofado da cadeira fura com o peso de Leonardo em cima dele.

EXT. BAR/RUA - NOITE (AMANHECENDO)

BARBARA está sentada num bar que está fechando. O primeiro jornal da manhã já passa na TV. Os garçons jogam água e espuma no chão. O noticiário fala do quanto a crise está afetando o país, fala do crescente de desemprego.

BARBARA sai com o copo e começa a andar pela rua. Passa por um mendigo que acusa o fim dos tempos, o fim da nossa sociedade, mesmo que ninguém pare para escutá-lo. Bárbara para por uns instantes, mas depois segue. O mendigo continua falando.

CORTA PARA

BARBARA passa por um poste, diferente do comum, mais baixo que os normais, preto. BARBARA continua andando. Ficamos com o poste. BARBARA, alguns segundos depois, retorna, coloca uma poltrona velha ao lado do poste, tira os cigarros do bolso e começa a enrolar.

BARBARA

Opa! Deve chover hoje. Tá esquisito...

O tempo. Meio esquisito. Meio cinza. Meio...

BARBARA volta a ficar calada por alguns segundos, olha o poste, tenta recomeçar um tipo de comunicação.

BARBARA (CONT'D)

Não sei por onde começar a falar.

(fica um tempo calada)

Tenho que mostrar para eles que estou ficando louca.

BARBARA olha pro poste. Barbara tira um celular do bolso, mexe nele enquanto fala.

BARBARA (CONT'D)

Sem problemas. Vamos falar sobre essa merda toda.

Ou talvez eu deva falar dos meus pais, sei lá...

Começa a se filmar.

BARBARA (CONT'D)

Já viu a janela cheia de pombos que

tem no final da rua?

BARBARA começa a falar sobre sua teoria do que tem dentro daquela janela.

EXT. RUA/JANELA DE POMBOS - DIA

Voice over de BARBARA falando. Aos poucos, sua voz é sufocada pelo barulho cada vez maior da rua.

Pombos se aglomeram na janela de um prédio (na Voluntário da Pátria).

EXT. RUA DO POSTE - DIA

A rua movimentada. Pessoas aleatórias começam a passar por BARBARA, que continua a falar. O som é da rua.

O poste com a poltrona ao lado, sozinho.

CUT TO:

Leonardo passa pela poltrona com um balde cheio de água e papéis molhados. Observa a poltrona e sai.

CUT TO:

**Sequência com algumas pessoas aleatórias que se sentam ao lado do poste e começam a falar suas histórias.

Entre essas pessoas, estão todos os personagens do filme (menos Leonardo). O fluxo continua até anoitecer. Os sons da fala de diversos desabafos se intercalam.

** A ideia é propor uma performance a ser filmada para o filme. Convidar atores, performers (previamente) e pessoas que tiverem passando na rua naquela hora para escolherem uma história para desabafarem com o poste.

INT. SALA DE BARBARA - DIA

BARBARA conta para a funcionária da prefeitura que agora conversa com objetos inanimados. Diz que tem uma selfie com o poste da sua rua e pode mandar para ela. A mulher continua afirmando que BARBARA não tem nenhum tipo de anomalia que possa safar ela do trabalho e dar a ela uma aposentadoria.

INT. QUARTO/ESCRITÓRIO (LEONARDO) - NOITE

Leonardo no quarto, vê uma reportagem de um site sobre bobagens na internet com seu ex-namorado, Gabriel, respondendo algumas perguntas sobre o relacionamento deles. A manchete do vídeo é "GABRIEL FILMOU E TRANSFORMOU UMA BRIGA DE FIM DE RELACIONAMENTO NUM MODO DE GANHAR DINHEIRO.". Um som de piano invade o quarto de Leonardo. Ele grita para o vizinho parar de tocar.

LEONARDO

Para com essa porra chata, caralho.
São três da madrugada. Para com essa merda,
seu cuzão.

Alguns vizinhos começam xingar o escândalo de Leonardo pela janela. Leonardo xinga mais e arremessa mais bolas. Vira uma competição de xingamentos.

INT. SALA (FLAVIO) - NOITE

Flávio toca a música para a mãe que respira numa maca por meio de fios. As luzes nos vizinhos se acendem. O ruído dos vizinhos se xingando chegam a sala de Flávio, mas ele ignora.

INT. QUARTO/ESCRITÓRIO (LEONARDO) - NOITE

Leonardo chega no quarto com uma bacia de água, um pacote de farinha e um rolo de papel toalha. Amassa bolos do papel. Joga na água e depois coloca farinha. Joga um bolinho na janela de cima. Faz a mesma ação por diversas vezes. Os vizinhos gritam. Sua mãe abre a porta. Olha a cena horrorizada.

Entra uma voice over de BARBARA. Ela lê o texto "O Cemitério de Automóveis" de Mario Bortolotto

INT. QUITINETE DE VALÉRIO - NOITE

Valério senta-se para ver televisão e comer um enlatado ao lado do ser vestido de Priscilla. A voice over de Barbara continua.

EXT. RUA DO POSTE - DIA

Bruno está saindo de uma conversa com o Poste quando Leonardo passa por ele com seu balde cheio de papeis molhados. Leonardo começa a xingá-lo de maluco e joga papeis em Bruno, que pega sua bicicleta e sai. Leonardo fica sozinho. Acaba sentando-se na poltrona e conversando com o poste também.

INT. SALA (REBECA) - NOITE

Rebeca está no meio de um círculo formado por garrafas de cerveja. A sala ainda está suja com os resquícios da festa que fizeram para ela.

A voz em off de BARBARA entra em cena.

EXT. RUA DO POSTE / RUA - DIA

BARBARA está falando com o poste.

BARBARA (V.O.)

Isso tudo que eu to falando é uma grande besteira, mas eu passei a vida acreditando nisso. To cansada." Foi isso que eu passei horas inventando e contei para aquela merda daquela porra daquela mulher da prefeitura e mesmo assim ela não aceitou que eu me aposentasse.

Funcionários da prefeitura chegam e começam a chamar um reboque para retirar o poste.

FUNCIONARIO 1

(gritando)

É para remover esse troço daqui. Interdita a rua. Bora, rapidinho.

BARBARA

Opa, amigão, que vocês tão fazendo?

Funcionário ignora. Outros dois funcionários começam a desaparafusar o poste.

BARBARA (CONT'D)

Ou, o que tá acontecendo?

Rebeca chega, percebe a movimentação estranha.

REBECA
O que tá acontecendo?

BARBARA
Eles não querem dizer.

REBECA
Vocês podem, por favor, dizer o que está acontecendo?

FUNCIONARIO 1
Melhor falar com o engenheiro.

REBECA
Onde ele tá?

Funcionário 1 ignora.

REBECA (CONT'D)
Onde ele tá?

FUNCIONARIO 2
No escritório dele. Sei lá.

BARBARA
(para o poste) O que ta havendo?

REBECA
Não precisa proteger a gente. Diz o que tá rolando.
Os dois ficam olhando para o poste.

BARBARA
Mas você tá funcionando bem.

REBECA
Você é patrimônio dessa cidade. Ôu! Ele é patrimônio da cidade!

BARBARA
(para os funcionários) Vocês não podem fazer isso.

REBECA
Se a fiação é velha, é só trocar a fiação.

FUNCIONARIO 2
Ou, ou. Cês discutam com o prefeito, com o secretário, valeu?
Tamos só cumprindo ordem.

A tela (antes dividida em dois) se divide em três, em ordem como estão posicionados na rua: Rebeca olhando. O poste deitado sendo retirado pelos funcionários. Acompanhamos o

poste sendo colocado na caçamba de um caminhão. Barbara e Rebeca olhando.

O poste passa por Valério, por Estela com o Poodle e por Leonardo com seu balde cheio de papel molhado. Leonardo começa a tacar papeis molhados no caminhão. O caminhão começa a andar.

Acompanhamos o caminhão partindo. Bruno, o entregador de pizza, tenta acompanhar o caminhão na sua bicicleta. Atrás do caminhão uma multidão corre, entre as pessoas estão Estela, Valério, Heitor, Rebeca, uma pessoa com a máscara de Priscila, Flávio com um pote de cinzas na mão, atrás de todo mundo está Barbara.

INT. CASA DE BARBARA/SALA - DIA
Barbara bebe seu Dreher, meio atônita.

CORTA PARA

Barbara pega uma caixa de ferramentas. Barbara vê um papel que aponta os ligamentos da canela. Ela tira o martelo, olha para aquilo e desiste. Ela arruma uma posição viável e joga a caixa pesada de ferramentas na sua canela.

EXT. RUAS DA CIDADE - DIA/NOITE

Pessoas da equipe desabafando com objetos pelas ruas (placas, carros abandonados, boneco do posto...)

FIM

APÊNDICE IV

Descrição de Personagens

BARBARA (40) - Mora sozinha num apartamento pequeno. É hiperativa, mas não consegue se concentrar em nada. Veste roupas doadas, quase surreais. É magra, mas tem corpo de

pessoa preguiçosa. Tem tendências artísticas pouco levadas à sério. Vive da herança de uma tia, gosta mesmo de beber - bebe Dreher - e coleciona livros da geração Beat, Deleuze e Gilberto Freire. Já participou de muita discussão política, mas, hoje, o que quer é sair do sistema. Por isso, liga para a Previdência Social, pedindo para um dinheiro mínimo para viver.

LEONARDO (28) - Deprimido, dramático, rebelde sem causa, presunçoso, acha que é o único que descobriu “a falta de sentido da vida”. Acabou de sair de uma relação traumática e voltou a morar com mãe. Não sabe resolver os problemas e acha que se matar é sempre a primeira solução, mas tem azar e todas as suas tentativas suicidas dão errado. Uma das tentativas, inclusive, foi filmada por seu ex-namorado e tornou-se viral. Sua última mania é de jogar papéis molhados com farinha - famosos porrolhos - na janela dos vizinhos.

VALÉRIO (50) - Um homem gordo, sem vaidade, solitário, preguiçoso, acomodado, infantilizado, sem destreza. Do tipo que sempre suja a camisa comendo macarrão. O ápice de sua vida foi escrever um programa infantil para TV aberta. Respira ofegante, colocando, as vezes, a língua pra fora. Só consome enlatados e comidas congeladas. Nunca superou o fato de não ser talentoso no que faz e nem ter os contatos certos para fazer o que gostaria, amargurando-se. Fala com a televisão. Anota o que vê na televisão para tentar repetir. Suas piadas são antigas. Faz piadas com minorias. Tipo de humor ultrapassado. Gostaria de ser querido, mas - no máximo - é do tipo que as pessoas têm pena, e que, sozinho, chora vendo “O Poderoso Chefão” ou ouvindo U2.

REBECA (18) - Uma garota bastante entediada e sem humor, que odeia suas melhores amigas - uma que passa o dia rodando no bambolê e outra que se diz “compositora” e canta. Canta sempre. A todo instante. - Rebeca é perversa, ao mesmo tempo meio deprê. É muito magra. Não é bonita, apesar de estilosa com seus cabelos coloridos. Sua diversão é acabar com a diversão dos outros, ou seja, gosta de chamar atenção a todo tempo e de qualquer um, mesmo que diga que morre de preguiça da maioria das pessoas.

ESTELA E HEITOR (45 - 50) - Apesar de serem dois, podem ser tratados como um. Afundados e esquecidos. Eles só têm à eles. Não que não se amem, mas não tem mais clareza de quem é quem na relação. Os dois juntos são uma única partícula abandonada e solitária. Não se reconhecem mais singularmente. Vivem com um poodle fedido, que chamam por

“filho”. Heitor é mais calado, sem paciência para as pessoas. Provavelmente funcionário público aposentado. Totalmente falido, que teve muitas chances de aprender com a vida ou com os livros, mas que não aproveitou. Tem orgulho de carregar o peso de uma relação de mais de 20 anos com uma pessoa histérica e triste. Estela, apesar de ter a aparência de uma matrona italiana, é uma mulher extremamente frágil, que não saiba notícias do que é o empoderamento feminino, que sofre por tudo e muito, que barganhe atenção dos outros. Adora ser ouvida, mas só fala de coisas desinteressantes e genéricas para maioria das outras pessoas.

ROSE E FLÁVIO (80 - 55) - Relação doentia entre mãe e filho. Mãe controladora, conservadora, religiosa, vaidosa. Tem medo que as coisas saiam da ordem. Filho mergulhado no universo da mãe. Bastante problemático. Com espasmos corporais, como se ele mesmo quisesse sair do corpo que o oprime, que teve que abdicar dos desejos por falta de coragem. O filho tem medo de errar e decepcionar a mãe. Flávio parece o psicopata de “Psicose”.

APÊNDICE V

Cronograma

Desenvolvimento:	Roteiro	Nov/Dez 2015
Pré produção:	Formação de Equipe	Dez 2015/Jan 2016
	Pré Produção	Jan/Fev/Mar 2016
	Ensaaios	Fev/Mar 2016

Filmagens:	6 diárias	Mar/Abr 2016
Pós produção:	Montagem	Mai/Jun/Jul 2016
	Mix e cor	Jul/Ago 2016
Entrega final:		22/ago/16

APÊNDICE VI

Plano de Filmagem

ELENCO

1.Barbara
2.Leonardo
3.Rebeca
5.Valério
4.Flávio
7.Estela

8.Jussara
6.Heitor
9.Bruno
12.Mendigo
11.Gabriel
10.Rose

13.Pessoas aleatórias
15.Funcionário 2
14.Funcionário 3
17.Mãe de Leonardo
16.Funcionário 1

Previsão de horário: 10h às 18h - Lauro Müller

PERFORMANCE

CENA 12	EXT Dia	RUA / JANELA DOS POMBOS V.O de Barbara falando. Pombos se aglomeram na janela de um prédio (na Voluntário da Pátria).	Voluntários da Pátria	1/8	Fig: 0
CENA 13.4	EXT Dia	RUA DO POSTE Seqüência com algumas pessoas que se sentam ao lado do poste e começam a falar suas histórias.	Lauro Muller	1/8	3, 4, 5, 6, 7, 8, 13 Fig: 0
PERFORM	EXT Dia	RUA DO POSTE Seqüência de rápidos momentos de pessoas que se sentam ao lado do poste e começam a falar.	Lauro Muller	2/8	3, 4, 5, 6, 7, 8, 11, 13 Fig: 0
CENA 13.2	EXT Dia	RUA DO POSTE O poste com a poltrona ao lado, sozinho.	Lauro Muller	1/8	Fig: 0

Fim da diária 1 - Sábado, 19 de Março de 2016

Previsão de horário: 08h30 às 20h30 - Casa do Flamengo

CENA 5	INT Noite	COZINHA DE ESTELA E HEITOR Estela e Heitor colocam a mesa para Bruno, o entregador de pizza, que está molhado de chuva.	Casa do Flamengo	7/8	6, 7, 9 Fig: 0
CENA 8	INT Noite	BANHEIRO DE REBECA Rebeca está no banheiro escuro. Ao fundo, o som do "parabéns" que vem da festa.	Casa do Flamengo	1/8	3 Fig: 0

Fim da diária 2 - Sábado, 2 de Abril de 2016

Previsão: 10h00 às 22h00 - Casa do Padilha (Copacabana)

CENA 1	INT Dia	SALA DA BARBARA Barbara está na janela, em pé, segurando seu telefone. Deixa o cinzeiro cair da janela.	Casa do Padilha - Copacabana	2/8	1 Fig: 0
CENA 3	INT Dia	SALA DA BARBARA Barbara tenta convencer, por telefone, que não se sente apta a trabalhar como qualquer outra pessoa.	Casa do Padilha - Copacabana	2/8	1 Fig: 0
CENA 14	INT Dia	SALA DA BARBARA Barbara conta para a funcionária da prefeitura que agora conversa com objetos inanimados.	Casa do Padilha - Copacabana	1/8	1 Fig: 0
CENA 22	INT Dia	SALA DA BARBARA Barbara pega um martelo, toma impulso para dar a primeira martelada em seu joelho.	Casa do Padilha - Copacabana	3/8	1 Fig: 0

CENA 4	INT Noite	QUITINETE DE VALÉRIO Valério come seu enlatado de sardinha, até roncar. Acorda com alguém fazendo carinho em seu rosto.	Casa do Padilha - Copacabana	3/8	5 Fig: 0
CENA 18	INT Noite	QUITINETE DE VALÉRIO Valério senta-se para ver televisão e comer um enlatado ao lado do ser vestido de Priscilla.	Casa do Padilha - Copacabana	1/8	5 Fig: 0

Fim da diária 3 - Sábado, 9 de Abril de 2016

Previsão: 10h00 às 22h00 - Casa do Padilha (Copacabana)

CENA 2	INT Dia	QUARTO DE GABRIEL E LEONARDO Um casal discute. Gabriel filma Leonardo que estava ameaçando gritar pela janela.	Casa do Padilha - Copacabana	1 1/8	2, 11 Fig: 0
CENA 10	INT Noite	QUARTO/ESCRITÓRIO DE LEONARDO Leonardo vê no computador o vídeo remixado dele tentando se jogar da janela.	Casa do Bernardo - Catete	2/8	2 Fig: 0
CENA 15	INT Noite	QUARTO/ESCRITÓRIO DE LEONARDO Leonardo vê uma reportagem de um site sobre bobagens na internet com seu ex-namorado.	Casa do Bernardo - Catete	3/8	2 Fig: 0
CENA 17	INT Noite	QUARTO/ESCRITÓRIO DE LEONARDO Leonardo amassa bolos do papel com água e farinha. Joga um bolinho na janela de cima.	Casa do Bernardo - Catete	4/8	2, 17 Fig: 0

Fim da diária 4 - Domingo, 10 de Abril de 2016

Previsão de horário: 05h00 às 19h00

Fim da diária 5 - Sábado, 16 de Abril de 2016

Previsão de horário: 14h00 às 02h00 - Casa do Flamengo

CENA 6	INT Dia	SALA DE FLAVIO E ROSE Flávio, toca "Ave Maria" ao piano. A mãe, Rose, está no sofá, fazendo nebulização.	Casa do Flamengo	5/8	4, 10 Fig: 0
CENA 16	INT Noite	SALA DE FLAVIO E ROSE Flávio toca a música para a mãe que respira por meio de fios. Ouve-se ruído dos vizinhos, ele ignora.	Casa do Flamengo	1/8	4, 10 Fig: 0
CENA 7	INT Noite	SALA DE REBECA Uma festa decadente, Jussara convoca pelo microfone todo mundo para cantar parabéns.	Casa do Flamengo	1/8	8 Fig: 6
CENA 9	INT Noite	SALA DE REBECA Rebeca anda até o meio do salão onde estão os convidados, pega o álcool e joga em uma das mãos.	Casa do Flamengo	1/8	3, 8 Fig: 6
CENA 20	INT Noite	SALA DE REBECA Rebeca está no meio de um círculo formado por garrafas de cerveja.	Casa do Flamengo	4/8	3 Fig: 0

Fim da diária 6 - Domingo, 17 de Abril de 2016